



O lugar do professor na História e na Historiografia: a problemática do trabalho

MARIANA ESTEVES DE OLIVEIRA*

Neste texto, discutiremos a recorrência e as formas pelas quais os professores têm sido abordados na produção acadêmica e, principalmente, na historiografia. Na tese de doutorado intitulada “Professor, você trabalha ou só dá aula”, em que estudamos a história da precarização do trabalho docente na Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, observamos inicialmente o silêncio da historiografia nesta seara. Entre os historiadores, com exceção da área de “Ensino de História”, e a despeito de seus limites, poucos se debruçam sobre o trabalho docente. Vale destacar que tais limites não são de ordem epistemológica, trata-se de recorte de objeto. Isto é, quando falamos que a área de Ensino de História possui limites no que tange à abordagem sobre os professores, estamos apontando que, nesta área, os professores estão recortados dentro da docência em História e nas suas especificidades decorrentes, e não na docência em geral.

Essa ausência ainda é demasiado sentida no campo da historiografia do trabalho, antes preocupada com a história operária e, no campo teórico, com a natureza produtiva do seu trabalho, levando a docência (entendida como trabalho intelectual) a um “não-lugar”. A partir de uma compreensão materialista da História, buscamos retomar a centralidade do trabalho no fazer-se da História, chamando a atenção para o cenário criado pela reestruturação produtiva do capital que afeta sobremaneira os trabalhadores e, entre eles, o professor. Isso implica defender que o professor seja abordado como sujeito histórico do trabalho, no processo de ampliação em que se encontra a historiografia social.

Tal ampliação possibilitou, nos últimos anos, que o trabalhador deixasse de ser considerado apenas como aquele sujeito da rotina fabril, produtor de mais-valia, sendo englobados os trabalhadores sem trabalho, os trabalhadores sem salário, os trabalhadores em suas diversidade e peculiaridades, porque constituem a classe que vive do trabalho. Além disso, rompeu-se com o trabalhador tipo-ideal, e ganhamos discussões acerca das questões de gênero e etnia como transversais à classe. Tais influências chegaram ao Brasil sobretudo a partir das obras dos marxistas britânicos e sacudiram a historiografia da escravidão, do campesinato, do trabalho feminino, entre outros. No entanto, aparentemente, os professores ainda não

¹* Professora Adjunta na UFMS; Doutora em História pela UFGD.

compõem essa gama de sujeitos estudados pelos historiadores do trabalho, apesar da precarização que assola a categoria.

O debate, como já dissemos, tem sido realizado em outras áreas, como a Educação e outras licenciaturas. Neste texto, especificamente, tencionamos explicitar o quadro geral destas áreas e quais abordagens os historiadores realizam em função do sujeito professor, através de um diagnóstico realizado no Banco de Teses e Dissertações da CAPES e, para afunilar o debate, em Anais de Encontro Nacional da ANPUH (2015) e de Encontro do GT Mundos do Trabalho (2016). Ao comunicarmos os resultados deste levantamento, acreditamos contribuir com a luta pela inserção do professor como sujeito da história do trabalho e, quiçá, com a ampliação historiográfica nesta área.

I. Professor, você trabalha ou só dá aula?

Sem a pretensão de realizar uma análise acerca das diversas representações sobre os docentes, tentaremos aqui compreender especificamente o distanciamento do professor com a ideia de trabalho, e não apenas na produção acadêmica, mas na sociedade em geral. Muitos professores reclamam de ouvir a pergunta: “Professor, você trabalha ou só dá aula?” e por isso intitulamos nossa tese com tal questionamento. É possível que a indagação possa causar algum estranhamento aos leitores deste texto, principalmente aqueles que não forem professores das escolas públicas estaduais de São Paulo ou demais sistemas educacionais precarizados pelo Brasil. Podem estranhá-la aqueles que não conhecem ou nunca foram professores temporários, substitutos e eventuais. Podem estranhá-la também aqueles que nunca somaram outros empregos além da docência para completar a renda, ou nunca viram um catálogo da Avon numa sala de professores. Por isso, antes de apresentarmos os argumentos que viemos defender nesta comunicação, cabe uma rápida digressão acerca da referida frase.

Em primeiro lugar é preciso esclarecer que a escolha da pergunta aqui (e na referida tese) ultrapassa o uso da figura de linguagem, no caso de ironia, porque, de fato, queríamos permear nosso estudo pelo esclarecimento do contido na interrogação. Vale destacar que essa pergunta é muito recorrente, levando-nos no entendimento de que pode constituir-se como dúvida real por parte de uma parcela da sociedade. Numa rápida pesquisa aos sites de busca

na internet, a frase-pergunta gera, imediatamente, mais de 200 resultados. No entendimento de que haja uma genuína questão, implícita antes da ironia, nos colocamos na posição de tentar respondê-la, no decurso de nossas investigações.

Em segundo lugar, entendemos que tal questionamento não está descolado dos problemas atuais enfrentados pelos professores, nos quais nos debruçamos nos três anos da pesquisa. Na estreia do seu blog sobre o cotidiano docente, o professor Bruno Rosa destacou:

Essa pergunta pode chocar alguém que é mais velho, ou que não tem a mínima ligação com o magistério, porém essa é uma das perguntas mais frequentes dos alunos. Isso reflete a posição que a figura do professor ocupa no nosso imaginário: uma pessoa benevolente, geralmente incrustada de uma autoridade moral, que abnegadamente espalha seus saberes para as gerações vindouras. A realidade, todavia, é muito mais profunda do que essa (...) Não encarar o magistério, em suas múltiplas manifestações, como um ramo profissional é, no mínimo, perigoso. Afinal solidifica um discurso que o professor é um herói, um ser acima de outros, comuns, que escolhe um caminho árduo. E qual o problema disso? A perpetuação da marginalização aos vencimentos e reconhecimentos ao professor. ²

A pergunta também não passou despercebida no campo acadêmico. Para Vanessa Kawakami, que estudou as representações sociais do professor na sociedade, durante a graduação em Pedagogia, na Unicamp, essa pergunta está imbricada ao “discurso que enfatiza a pequenez do professor” (KAWAKAMI, 2008: 03), no processo de depreciação de que a carreira docente sofreu nos últimos anos. Neste mesmo sentido, Suzana Ferreira, na introdução de sua tese de doutorado em História, considerou que a recorrência da pergunta resume o “descompasso entre a vida real, repleta de mazelas da nossa profissão e a sua representação social, construída talvez de imagens míticas e desarticuladas da prática cotidiana real e que afloram ao senso comum” (FERREIRA, 2003: 05). Em outro estudo de doutorado, desta vez em Psicologia, a professora Marisa Aparecida Elias teve que lidar com a interrogação, citada em um dos depoimentos de professores sobre a frustração no trabalho docente que, para ela, concorre para o adoecimento do professor (ELIAS, 2014: 99). A partir disto, concordamos com as autoras porque também consideramos a pergunta, e sua grande recorrência, como indícios do processo de precarização do trabalho docente.

² Texto escrito em 22/05/2014 por Bruno Rosa, autor do blog “Diário de Um Professor”. Pode ser encontrado no link: <http://brunorosa82.blogspot.com.br/2014/05/diario-de-um-professor-voce-trabalha-ou.html> Acesso em 10/02/2016.

Ainda, por elegermos a centralidade do trabalho para além da produção da humanidade e da vida, mas também do conhecimento, devemos perseguir horizontes que aproximem sempre os problemas do professor com as questões do trabalho. Neste sentido, é profícuo iniciar nossa discussão expondo esse questionamento de que sofrem os professores diariamente, à necessária aproximação da docência com o trabalho. Ou seja, a utilização da frase também revela, mesmo que ironicamente, que pretendemos provocar o debate acerca da natureza do trabalho docente e da ausência da dimensão do trabalho nas representações sobre a docência, principalmente entre historiadores.

Com efeito, nossa pesquisa pretendeu ser um espaço de provocação, discussão e até denúncia, no campo da História Social, sobre processos pelos quais o trabalho docente passou, e tem passado, no bojo da precarização das últimas décadas, amplamente marcadas pela reestruturação produtiva do capital e pela política neoliberal. O objetivo central foi reconstituir o cenário de precarização para atestar (ou negar) a piora nas condições de trabalho dos professores da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo – SEE-SP – e observar as formas como os professores experimentam, historicamente, essas mudanças e as relações que delas se desdobraram.

Mas apesar de afirmarmos nossa intenção denunciativa, de forma geral, a temática não constitui novidade. Diariamente são noticiados fatos e dados que evidenciam que a docência é uma profissão em crise, inclusive na Educação Superior. Nos ciclos básicos, todavia, a questão parece latente, e a crise se revela tanto pelos números (abandono, absenteísmo, morbidade, arrocho salarial, perda de autonomia, número de horas trabalhadas, de professores com contratos precários, entre outros) quanto pelos gestos, falas e sofrimentos docentes. Nos sistemas públicos de ensino, ela se materializa na precarização não apenas do trabalho, mas também dos serviços prestados, culminando no desastre que caracteriza a educação ofertada à classe trabalhadora. Somando-se à situação, os professores estão cada vez mais suscetíveis à violência sistemática. Não são raras as notícias em que aparecem como vítimas de atos brutais, seja por parte de alunos, de pais e até da polícia, na repressão quase sempre violenta das manifestações coletivas.

A realidade da precarização está exposta à sociedade, embora muitas vezes de forma fragmentada e repleta de idealizações que se interpõem aos professores. Ao ingressar na

profissão docente, por inúmeros motivos, essas idealizações estão bastante amarradas, fortemente costuradas no próprio processo formativo, e ao vir a ser dos sujeitos. Os filmes sobre professores costumam, ainda, permitir que um ou outro salve uma comunidade pobre e desenganada na periferia de Nova York. Persistem as figuras idílicas que o apresentam como missionário, cuja vocação se realiza e se gratifica na formação das vidas alheias, dos demais profissionais da sociedade. O cotidiano enfrentado, as dificuldades materiais sofridas, as situações experimentadas no decurso da carreira, todavia, nos provocou a questionar ainda se o distanciamento entre a idealização sobre o professor e a realidade vivenciada, não constitui um elemento agravante do próprio processo de precarização, o que se confirmou a partir das respostas de 128 professores em atividade na Diretoria Regional de Ensino de Andradina, entrevistados por meio de questionários, e três professores aposentados entrevistados oralmente. Com eles e pudemos compreender o processo histórico e o cenário atual de precarização do trabalho docente nas dimensões objetivas, materiais, e subjetivas, experimentadas como representação, sentimento, atribuição de sentidos, entre outros.

Na perspectiva teórica, foi a ausência do professor como sujeito do trabalho na historiografia que nos causou maior estranhamento. Num primeiro momento, observamos que a História ciência relegou os estudos sobre a escola e sobre os professores às ciências pedagógicas, conforme salientou Francisco Falcon:

Escolhi aleatoriamente algumas das obras que, a partir dos anos de 1970, procuram analisar, segundo perspectivas bastante distintas, os rumos da produção historiográfica ocidental. Entre os inúmeros aspectos abordados em tais obras (coletivas, por sinal), observa-se sempre a importância cada vez maior da história cultural, de início restrita à chamada história das mentalidades. Mas também se pode observar nesse mesmo universo textual a ausência quase completa de trabalhos relativos à história da educação, como se não competisse realmente aos historiadores o estudo e a pesquisa de tal história. (FALCON, 2006: 328).

Vale salientar aqui que a História da Educação não é um sub-campo da História acadêmica, mas da Pedagogia, como ressaltou Mirian Warde ao lembrar que a consolidação da disciplina “significou não ter sido instituída como especialização temática da História, mas como ciência da educação ou como ciência auxiliar da educação” (WARDE, 1990: 11). Além disso, de modo geral, a História da Educação que é aplicada à formação de professores nas licenciaturas no Brasil possui um currículo que tem por objeto central compreender a

Educação nos diversos contextos de tempo e espaço (o que é muito maior que dizer que são os professores seus objetos de estudos). Nela, estuda-se muito mais os sistemas, fundamentos e objetivos de ensino, as formas de ensinar e aprender, do que o trabalho docente no sentido de labor.

Também no campo das representações sobre a escola, destacamos que os olhares para esta instituição estão muito impregnados do seu papel social propedêutico, isto é, de uma perspectiva pautada na função educadora e preparatória que a escola conforma em virtude de ser o espaço onde crianças e jovens transitam para a vida adulta e para o mundo do trabalho (como mundo externo). Sandra Acosta, em sua tese de doutorado, utilizou-se dos referenciais das representações sociais de Moscovici para desvelar as imagens e representações sobre a escola por meio de pesquisas com alunos de diversas universidades. Esta autora concluiu, ao discorrer acerca dos resultados da pesquisa junto aos alunos de Pedagogia, ou seja, os futuros professores, que a escola, para eles, representa:

Um espaço fechado, protegido, harmonioso e acolhedor, cujos conflitos e lutas anunciados se encontram fora de seus contornos. As imagens evocam uma infância ingênua e distante. O ambiente escolar é visto de uma forma muito positiva: imerso em uma natureza moral e permeado por afeto, os quais, associados ao talento individual do professor, fazem da escola um ambiente para a formação das crianças (...) A escola é valorizada como um espaço para fazer crescer e formar os pequenos alunos, portanto, é necessário o investimento na universalização do ensino. Para os estudantes de Pedagogia, a imagem da escola não é a daquela na qual eles estão hoje, mas sim uma escola idealizada, sempre ligada a um passado melhor. A função central da escola é a aquisição de conhecimento, saber e informação. As lutas e as conquistas, sempre coletivas, envolvem a participação de todos, incluindo os pais e a comunidade que cerca a escola, e estão ligadas à melhoria do espaço físico da escola e das condições de ensino (ACOSTA, 2005:153).

Não há referência da escola como o lugar de trabalho e de trabalhadores. Em nossa pesquisa, confirmamos a recorrência destas representações. Assim, no que concerne aos professores em atividade na SEE-SP, a perspectiva idealizada de forma positiva, romantizada ou missionária da docência e da escola, prevaleceu em 66 depoimentos, compondo um grupo com mais da metade dos professores participantes (51,7%). Num segundo grupo, 20 professores consideram a escola numa perspectiva pessimista e, inclusive, irônica (15,6%), como “depósito de crianças”, mas ainda sem remeter ao exercício do trabalho como labor. Sob o olhar profissional, voltado ao trabalho, apenas 29 professores apontaram a escola como lugar

onde se realiza trabalho ou onde eles se realizam enquanto profissionais (22,6%), perfazendo o terceiro grupo acerca dos sentidos atribuídos à escola. Outros três docentes apontaram definições de ordem diversa e dez não responderam esta questão.

Em nossa discussão aqui queremos evidenciar que esta distância entre o professor e a ideia de trabalho/trabalhador, que reside na subjetividade docente encontra ecos na produção teórico bibliográfica da História, o que nos permite dizer que, historicamente, o professor não é tratado como sujeito do trabalho. Para guarnecer nossa proposta, realizamos levantamentos exploratórios no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, nos Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História da ANPUH, ocorrido em Florianópolis em 2015 e nos Anais do IV Seminário Internacional Mundos do Trabalho/VIII Jornada Nacional de História do Trabalho, ocorrido em Manaus em 2016.

II. Os professores, o trabalho docente e a produção historiográfica

Realizar uma pesquisa exploratória a partir de títulos e resumos aproxima-se da metodologia de Estado de Arte. Nesta metodologia, o pesquisador faz levantamentos a partir de produções acadêmicas buscando, através de termos descritores, uma temática específica para observar a recorrência e abordagens com que a temática aparece, ou tudo que já foi construído na academia sobre aquilo. Desta forma, o pesquisador apresenta ao leitor um estado de conhecimento, as diversas formas pelas quais o “seu” tema foi pesquisado, em um determinado recorte temporal, espacial ou universo de publicações e pesquisas. Sobre esta metodologia de pesquisa, Soares nos revela que:

Essa compreensão do estado de conhecimento sobre um tema, em determinado momento, é necessária no processo de evolução da ciência, afim de que se ordene periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos, ordenação que permita indicação das possibilidades de integração de diferentes perspectivas, aparentemente autônomas, a identificação de duplicações ou contradições, e a determinação de lacunas e vieses (SOARES, 1989: 03).

A metodologia do Estado de Arte é comumente aplicada às pesquisas na Educação, mas tem sido cada vez mais aceita nas demais áreas do conhecimento pois, com a multiplicação dos programas de pós-graduação e o crescente acesso às pesquisas pela rede mundial de

computadores, torna-se imprescindível ao menos a observação, por parte do pesquisador, quanto à recorrência e às abordagens pelas quais seu tema fora analisado antes da sua pesquisa.

O levantamento que vamos apresentar aqui não chega a consolidar o Estado de Arte pois nossa preocupação não está centrada nas formas pelas quais o trabalho docente foi abordado, mas sim por quais áreas ele tem sido analisado com o sentido amplo, ontológico e abstrato, de trabalho. Ainda, nossa intenção maior é investigar se os historiadores têm realizado pesquisa sobre o trabalho docente.

Nesse sentido, ainda cabe dizer que não se trata de falar sobre trabalho docente como sinônimo de prática docente. Não nos interessa aqui levantar e discutir os trabalhos historiográficos que analisam as formas pelas quais os professores ensinam História em sala de aula, suas metodologias para a aprendizagem dos alunos, seus processos de formação inicial ou continuada que asseguram a qualificação do ensino, suas inovações quanto aos recursos empregados para facilitar os processos de ensino e aprendizagem. Não significa que estas temáticas não sejam importantes e não componham o que definimos como trabalho docente, obviamente tudo isto está relacionado ao trabalho do professor, pois se dá em sala de aula ou para a sala de aula, o cenário onde o professor desenvolve trabalho. Trata-se de realizar um recorte teórico onde o conceito do trabalho docente esteja, em primeiro lugar, generalizado, isto é, não se resuma ao ensino específico de História. Em segundo lugar, o sujeito central situa-se no professor em função do trabalho, e não no aluno, ou ainda, não no professor em função do ensino. Em terceiro lugar, a abordagem que se faz do trabalho aqui está balizada pela perspectiva da História Social do Trabalho, de vertente marxista, pautada em dois âmbitos principais, quais sejam, no trabalho em sentido ontológico, precursor da humanidade e realizador dos saltos sociais e epistemológicos que nos destacaram dos demais animais no planeta; e no sentido abstrato, aplicado especialmente ao contexto capitalista, marcado por sua exploração, mercantilização e des-humanização, em vista das relações capital-trabalho. Ou seja, o levantamento buscou mapear as pesquisas onde o trabalho docente esteja posicionado em um contexto maior de trabalho (labor) e em suas interfaces com o capitalismo, com a processualidade das relações de produção, com a dinâmica pertinente ao mundo do trabalho.

Por isso, os levantamentos exploratórios se deram em uma determinada sequência para afunilamento na historiografia do trabalho. Em um primeiro momento, fizemos levantamentos gerais no Banco de Teses e Dissertações da CAPES a partir de quatro descritores para analisar, de maneira processual, em sentido de afunilamento, as áreas de recorrência. Investigamos os termos “professores”, “docentes”, “trabalho docente”, “precarização do trabalho docente” nas áreas de avaliação da CAPES que mais nos interessavam ou que mais surgiram resultados e obtivemos um primeiro quadro:

Tabela I – Ocorrências de termos principais por área de avaliação/CAPES:

| Termos: | Professores | Docentes | Trabalho Docente | Precarização do Trabalho Docente |
|---------------------------------|-------------|----------|------------------|----------------------------------|
| Total de ocorrências | 48.464 | 20.885 | 3.651 | 156 |
| Educação | 25.611 | 12.884 | 2.742 | 123 |
| Ensino | 2.486 | 1.159 | 112 | 4 |
| Geografia | 535 | 173 | 31 | 5 |
| Letras | 4.446 | 1.350 | 198 | 0 |
| Educação Física | 901 | 312 | 56 | 6 |
| História | 374 | 87 | 07 | 0 |
| Matemática | 718 | 98 | 09 | 0 |
| Ensino de Ciências e Matemática | 3.104 | 250 | 34 | 0 |
| Medicina/Saúde | 809 | 264 | 47 | 0 |
| Psicologia | 1.514 | 413 | 114 | 0 |
| Outros | 7.966 | 3.895 | 301 | 18 |

No quadro, podemos observar a predominância da Educação e Ensino como áreas onde se discutem o professor, a docência, o trabalho docente e a precarização do trabalho docente. Destacam-se também as áreas de Educação Física e Ensino de Ciências como áreas de maior recorrência temática diante das demais. Na contramão, revela-se que História é a área de menor recorrência dentre as escolhidas para tal avaliação (Educação, Licenciaturas, Saúde). As outras áreas se dividem nas demais áreas do conhecimento e avaliação da CAPES, como Administração, Informática, Turismo, Odontologia, Economia, Direito, Arquitetura, Ciências Agrárias, Astronomia, Engenharias, Ciências Sociais, Serviço Social, Teologia, e outras. Para se ter uma ideia, no primeiro descritor, ao relacionarmos o termo “professores”, as 48.464 ocorrências estavam vinculadas a 102 áreas de avaliação da CAPES, o que nos impeliu a um recorte.

É preciso salientar que esta primeira etapa de levantamento resultou de uma classificação superficial porque não preconizou a leitura dos resumos nos primeiros descritores, dada a

quantidade de recorrências. Com isso, não podemos afirmar que as 312 recorrências do termo “docentes” nas produções acadêmicas da área de Educação Física, ou nas 87 vezes que o termo levou aos trabalhos em História, os docentes estão sendo tratados como sujeitos do trabalho, no âmbito que nos interessa aqui. Ao contrário, pelo que vimos, as abordagens acerca dos professores e docentes é tão ampla que demandaria anos para um estado de arte a partir destes descritores no banco da CAPES. É no afunilamento que ganhamos as dimensões conceituais, pois a diminuição de recorrência permite a leitura dos resumos e suas análises no que tange ao uso dos conceitos.

No entanto, antes de prosseguir a análise, é possível realizar uma primeira constatação dentro das intencionalidades do texto em tela. De todas as áreas, sobretudo, de todas as licenciaturas, a História é a que menos discute o professor, não importando aqui a abordagem, se da prática docente, do ensino, ou do trabalho docente, do labor. A disparidade numérica mesmo em relação à produção acadêmica das áreas de Linguagens, Educação Física e Matemática ou Ensino de Ciência revela que os historiadores estão mais distanciados das preocupações com os professores.

Ainda no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, pelo processo de afunilamento da observação exploratória, realizamos a leitura dos resumos sete dos trabalhos em História que resultaram da pesquisa do descritor “trabalho docente” e, já no primeiro deles, pudemos analisar a dissonância conceitual no trato com o “trabalho”, pois o resumo indica que a dissertação “busca refletir as possibilidades e desafios da educação histórica para além da sala de aula. Com este objetivo, selecionamos o patrimônio cultural da cidade de Cabo Frio, tangível e intangível, como cenário para nossa proposta”³. Não obstante a dissertação oferecer uma discussão acerca das possibilidades do trabalho dos professores de História para além da sala de aula, o uso do conceito de trabalho parece se aproximar de prática docente, já que se relaciona ao objeto da “Educação Histórica”, reconhecida como campo da Didática da História e que tem o propósito de compreender como se dá a aprendizagem da História. Isto é, no primeiro texto analisado, o trabalho é aproximado à prática docente no âmbito do ensino. Nos seis trabalhos seguintes constatamos que ainda há essa difusão conceitual, porém, quatro

³ Banco de Teses e Dissertações CAPES/JUNIOR, Acioli Goncalves da Silva. Educação patrimonial, história local e ensino de história: uma proposta para o trabalho docente ' 07/10/2016 undefined f. Mestrado Profissional em Ensino de História Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Rio de Janeiro/Biblioteca Depositária: BCG

deles analisam o trabalho docente dentro dos contextos da profissão, do mundo do trabalho e do capital. Observe o resumo do segundo trabalho em evidência:

Esta é uma pesquisa que teve como foco de investigação o trabalho docente nas primeiras séries do Ensino Fundamental, atentando para os aspectos subjetivos que envolvem a ação de ensinar crianças. Busco compreender as práticas pedagógicas das professoras a partir do mundo mental e material, ou seja, tendo em vista as representações, os sentimentos, as emoções, as idiosincrasias inerentes a cada professora e as condições reais em que ocorre o ensino nas escolas públicas. Foi escolhido para espaço de pesquisa a rede municipal de educação de Uberlândia/MG e para situacionalidade de tempo o recorte temporal, das décadas de 1980 a 2000. As fontes utilizadas e pesquisadas foram narrativas de professoras e de mães de alunos, obtidas por meio de entrevistas, relatos de professoras recolhidos em duas oficinas de memória, o jornal local, Correio; e documentos como a Constituição Federal de 1988, o Plano Decenal de Educação para Todos, o Plano de Cargos e Remuneração dos Servidores da Educação do Município de Uberlândia. As análises apontaram para a reflexão de que o trabalho docente com crianças é uma atividade complexa que envolve múltiplas dimensões. Dimensões estas que não estão somente alicerçadas na racionalidade, mas que extrapolam os redutos da razão, provocando na professora reações e práticas impulsionadas pela sensibilidade humana.⁴

Apesar de não estar explícito o conceito de trabalho docente utilizado pela autora, ao mencionar “as condições reais em que ocorre o ensino nas escolas públicas” e a utilização de fontes como o “Plano de Cargos e Remuneração dos Servidores da Educação” podemos observar que a abordagem levou em conta as dimensões contextuais do trabalho dentro do universo social do mundo do trabalho. A terceira ocorrência do descritor é uma tese de doutorado em que não paira dúvidas acerca da utilização do conceito de trabalho docente no âmbito do mundo do trabalho pois:

Esse trabalho tem como objeto as lutas dos trabalhadores da educação, organizados no Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro (Sepe-RJ) e no Sindicato Nacional dos Docentes do Ensino Superior (Andes-SN), no período compreendido entre a eclosão do novo sindicalismo e meados da década de 2000, quando ocorreu a desfiliação dessas entidades da Central Única dos Trabalhadores (CUT). O processo histórico de constituição dos trabalhadores da educação como uma nova força política é analisado com base nos embates travados entre esses atores sociais e o Estado nos momentos de

⁴ Banco de Teses e Dissertações CAPES/OLIVEIRA, Nilza Aparecida da Silva. Profissão Docente: representações, sentimentos e práticas educativas nas primeiras séries do Ensino Fundamental. Uberlândia (1980-2000). 01/05/2007 140 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLÂNDIA Biblioteca Depositária: Universidade Federal de Uberlândia (Trabalho anterior à Plataforma Sucupira)

*radicalização da luta de classes: as greves. Também são abordadas as transformações no processo de trabalho docente durante o mesmo período.*⁵

É oportuno lembrar que muitos historiadores se debruçam sobre os temas dos movimentos sociais, seja do movimento operário, ou dos chamados “novos movimentos sociais”, apontando que os movimentos dos trabalhadores, das mulheres, dos indígenas, de negros organizados, entre outros, figuram nas pesquisas dos programas de História, mas aqui, na relação de descritores onde poderiam estar arrolados os movimentos dos trabalhadores docentes como objeto historiográfico, são raras as publicações.

A quarta publicação surgida com o descritor referia-se à formação de professores, com o título “Civilizar a Nação pela Instrução Pública: Formação de Professores e Ensino Primário no Pará (1891-1909)” e, mesmo com a leitura do resumo, não ficou clara a forma pela qual o “trabalho docente” é compreendido na dissertação, uma vez que “Tem-se como foco de pesquisa a educação recebida na Escola Normal de Belém do Pará, visando à formação de professores e, igualmente, a formação que estes deveriam repassar nas escolas para seus alunos”⁶. Neste resumo não foi possível, portanto, extrair quais acepções o trabalho ganhou na pesquisa mas demonstrou que o foco da dissertação não era mesmo o trabalho sob o ponto de vista do mundo do trabalho.

Na sequência, no resumo seguinte, da tese Marinella Rosseti, extraímos o início do resumo para explicitar o que compreendemos a partir dele, justificando que a inserimos no elenco de pesquisas que tratam o trabalho docente dentro do campo dos mundos do trabalho, uma vez que a tese destacou “a formação e as condições oferecidas ao exercício docente na educação básica, aqui representada pela mulher, por ser ela 81,3% do professorado brasileiro. O momento histórico escolhido, de 1971 a 1990 (...)”⁷. Com a explanação acerca das

⁵ Banco de Teses e Dissertações CAPES/MIRANDA, Kênia Aparecida. As lutas dos trabalhadores da educação: do novo sindicalismo à ruptura com a CUT.' 01/09/2011 400 f. Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI Biblioteca Depositária: Site PPGH (Trabalho anterior à Plataforma Sucupira)

⁶ Banco de Teses e Dissertações CAPES/COSTA, Edivando da Silva. Civilizar a Nação pela Instrução Pública: Formação de Professores e Ensino Primário no Pará (1891-1909)' 07/08/2015 119 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, Belém Biblioteca Depositária: UFPA

⁷ Banco de Teses e Dissertações CAPES/ROSSETTI, Marinella Binda. A mulher professora na cidade de São Paulo: política, imprensa e universidade (1971-1990)' 01/05/2007 240 f. Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: PUC-SP (Trabalho anterior à Plataforma Sucupira)

“condições oferecidas ao exercício docente” admitimos que, não obstante a preocupação em discutir a formação, como em muitos textos observados, o conceito de trabalho docente é ampliado pelo jogo da escala entre a sala de aula e o mundo do trabalho. Já na sexta publicação, o trabalho docente volta a aparecer como sinônimo de prática docente vinculada à didática da História, pois a dissertação apresenta a seguinte definição:

Sabe-se que as Diretrizes Curriculares Estaduais de História no Paraná - DCE, de 2008, indicam, em certa medida, concepções teórico-metodológicas pautadas nas obras de Jörn Rüsen, que abordam a questão da orientação temporal e da função didática da História. Mas como as DCE são praticadas? O objetivo deste trabalho é refletir sobre a perspectiva e prática docente em relação à proposta temática das Diretrizes paranaenses.⁸

Tal recorrência nos permite considerar que há uma nebulosidade em torno da diferença entre trabalho docente, usado como o descritor da pesquisa, e prática docente, que parece ser a temática real da dissertação, como podemos avaliar pelo exposto. Por fim, a última publicação resultante da pesquisa se apresentou afirmando que a dissertação “teve por objetivo geral analisar as formas como os livros didáticos de História de Pernambuco organizam e interpretam, histórica e pedagogicamente, os conteúdos referentes ao Patrimônio Cultural do estado”. Nela é também possível dizer que o surgimento do termo “trabalho docente” no descritor do Banco de Teses e Dissertações revela um uso enviesado com conceito de trabalho docente, desvinculado do mundo do trabalho e alinhado à prática docente, que por sua vez, como já dissemos, limite a categoria conceitual na centralidade do ensino. Desta forma, das sete publicações derivadas do descritor, apenas três explicitam o uso conceitual do “trabalho docente” como intrínseco ao mundo do trabalho generalizado e vinculado ao capitalismo e suas relações de trabalho.

Saímos da pesquisa exploratória no Banco de Teses e Dissertações da CAPES insatisfeitos. Apesar de constituir um instrumento legítimo das pesquisas e levantamentos de estado de arte, a plataforma apresentou inúmeros problemas para nossa pesquisa, principalmente porque percebemos que há muitas ausências no rol de publicações. Quando relacionamos o descritor “precarização do trabalho docente”, nenhuma publicação defendida em programas de pós-

⁸ Banco de Teses e Dissertações CAPES/CAZULA, Andre Luiz da Silva. Diretrizes curriculares estaduais de História no Paraná e orientação temporal: perspectivas e práticas de professores da rede estadual de ensino. Jacarezinho-PR. 2015.' 27/04/2016 181 f. Mestrado em HISTÓRIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, Londrina Biblioteca Depositária: BC-UUEL

graduação em História apareceu e, tampouco, nossa própria tese, defendida em 2016, com esta temática. Ela ainda não foi inserida na plataforma, mas textos posteriores à sua defesa foram, evidenciando que, seja por parte dos programas, seja por parte da plataforma, os dados não são atualizados e isso poderia concorrer para a dissimulação de resultados. No entanto, a despeito de alguma fragilidade metodológica que se possa apontar, acreditamos que a atualização consistente do programa da plataforma não mudaria o sentido do resultado da pesquisa exploratória.

Para construir um cenário mais atualizado da produção historiográfica, no sentido de compreender tendências, realizamos outra pesquisa exploratória, desta vez em duas publicações ligada à historiografia. A primeira são os Anais do último simpósio nacional da ANPUH, ocorrido em 2015 e, a segunda, para afunilar sobremaneira na área de pesquisa, os Anais do último encontro nacional do GT Mundos do Trabalho ocorrido em 2016. Os dados iniciais são:

Tabela II: Trabalho Docente em publicações da ANPUH e Mundos do Trabalho

| Publicação/Termos Descritores | Anais ANPUH 2015 | Resumos GT MT 2016 |
|-------------------------------|------------------|--------------------|
| Total de publicações | 1881 | 156 |
| Trabalho Docente | 03 | 03 |

Pelo quadro podemos depreender que os historiadores discutem muito pouco a condição de trabalhador dos professores. Evidentemente que o número reduzido de textos ligados ao descritor “trabalho docente” passou pela análise que eliminou as publicações exclusivamente ligadas ao Ensino de História e relacionamos somente aqueles que explicitavam o descritor “trabalho docente” e cujo conceito de trabalho estivesse vinculado ao universo generalizante do trabalho e ao contexto do capitalismo. As publicações arroladas nos Anais da ANPUH foram, primeiro, “Trabalho de Professora: Docência, Gênero e Luta de Classes”, de Admilson, Marinho de Lima; segundo, “O trabalho docente com a educação patrimonial conceitos e práticas nos ensinos fundamental I e II”, de Cristina Aparecida Reis Figueira e o nosso, “A Legalização do Absurdo: Legislação, Composição e Intensificação das Jornadas De

Trabalho Docente na SEE-SP”. E mesmo destacando o termo “trabalho docente” no título, é possível observar que a segunda publicação não utiliza o conceito de maneira abrangente.

Nos Anais IV Seminário Internacional Mundos do Trabalho, as três publicações relacionadas ao trabalho docente foram, primeiro, “Trabalho docente: formação e atuação de professoras no Amapá contemporâneo” de Júlia Monnerat Barbosa, seguida por outra homônima, ou seja, “Trabalho docente: formação e atuação de professoras no Amapá contemporâneo” de Ana Lima Kallás que, não obstante o nome, possuía resumo diferente o que nos faz compreender que podem ser sub-projetos de um mesmo projeto, já que situam-se no mesmo contexto, o Amapá, e, por fim, “O ofício de professora no Amazonas Imperial (1850-1880)” de Bianca Sotero de Menezes. Via de regra, os textos desta publicação relacionam o trabalho docente ao mundo do trabalho de forma geral, pois o próprio universo de comunicação e publicação destas pesquisas é o GT Mundos do Trabalho. Mas é preciso destacar os dados da tabela que apontam que as três publicações estão em universo de 1.881 publicações no caso do Simpósio da ANPUH e 156 comunicações no caso do GT Mundos do Trabalho. No primeiro caso, as publicações acerca do trabalho docente não alcançam nem 0.2% da totalidade das pesquisas dos historiadores e, no segundo caso, não alcançam 2.0% da totalidade das pesquisas dos historiadores que atuam na área dos mundos do trabalho.

III. Considerações Possíveis

Além dos números e das análises qualitativas nos resumos expostos, poderíamos ainda discutir a ausência do trabalho docente na historiografia como testemunho de pesquisa. Durante os anos de 2013 a 2016, estivemos envolvidos na pesquisa acerca da precarização do trabalho docente a partir de um programa de pós-graduação em História, onde fomos bem recebidos mas tivemos imensas dificuldades quando se tratava de comunicar os avanços e debates de nossa investigação pela ausência dos simpósios ou de grupos que debatessem o tema e muitas vezes escorregamos para a Educação. O mesmo foi preciso até para compor a banca de defesa, após cinco ou seis recusas que se justificavam pelo estranhamento de uma tese que não era nem em Ensino de História e nem em Trabalho Operário, ela estava, realmente, em um não-lugar entre os historiadores. Resolvemos esta questão com a presença de historiadores abertos ao desafio do novo (assim como o próprio orientador da pesquisa, cabe dizer aqui), e com historiadores que prosseguiram a formação na área da Educação e até

com um não-historiador. Grosso modo, fizemos História. Mas este retrato se mostrou muito sintomático e resolvemos retomar o tema aqui justamente porque, ao dar sequência ao processo de pesquisa divulgando seus resultados pelas revistas, fomos questionados, por exemplo, em que área nos situávamos mesmo, e que havia um estranhamento nas justificativas do artigo pois (fora do Brasil) os professores já eram, há muito, tratados como sujeitos do trabalho pelos historiadores.

A retomada da temática aqui, portanto, deveu-se a constatar, como acreditamos ter realizado, que, no Brasil, a produção historiográfica está distante dos professores em vários aspectos, mas principalmente no que tange à dimensão laboriosa do professor em um contexto de relações de trabalho marcado por exploração e resistência. E isso nos diz mais.

Não apenas a distância e a ausência se revelaram aqui, mas o descaso conceitual que nos “permite” confundir prática docente com trabalho docente negligenciando que o trabalho é muito maior que a prática pois implica num jogo de escalas que sai da sala de aula e do universo do ensino e perpassa o sistema capitalista, compreendendo a remuneração, a jornada, os contratos, as formas de controle, as greves, as diversas formas de resistência, a proletarianização e perda de autonomia, a relação com a reprodução do capital. Indo mais longe, temos absoluta consciência que o ensino seja parte do todo no trabalho docente, mas não pode resumir o trabalho docente porque isso retiraria do professor a dimensão de trabalhador, tal como é operário fabril. Não se compreende o operário, historicamente, estudando apenas a esteira.

E a ausência, a distância e a confusão conceitual refletem, em última instância, o descolamento de classe dos professores. Mais uma vez, viemos ao mundo acadêmico comunicar este hiato e convidar os historiadores à retomada da centralidade do trabalho e a olharem os mais diversos sujeitos do trabalho incluindo, entre eles, nós mesmos, os professores.

Referências Bibliográficas

ACOSTA, Sandra Ferreira. **Escola**: as imagens que as representações sociais revelam. Tese de doutorado em Educação apresentada à Pontifícia Universidade de Campinas, PUC – SP, 2005.

FALCON, Francisco J. Calazans. História Cultural e História da Educação. In **Revista Brasileira de Educação** v. 11 n. 32 maio/ago. 2006.

ELIAS, Marisa Aparecida. **Equilibristas na corda bamba**: o trabalho e a saúde de docentes do ensino superior privado em Uberlândia/MG. Tese (Doutorado em Pós-Graduação em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP. Ribeirão Preto. 175 p. 2014.

FERREIRA, Suzana. **O professor como personagem e a escola como cenário**: escola e sociedade em filmes norte-americanos (1955-1974). 200p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

KAWAKAMI, Vanessa Feltrin Escanhola. **O professor na sociedade**: um estudo de representações sociais. Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Unicamp. Campinas, 70 f. 2008.

OLIVEIRA, Mariana Esteves de. **Professor, você trabalha ou só dá aula?** O fazer-se docente entre História, Trabalho e Precarização na SEE-SP. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 270 p. 2016.

SOARES, M. **Alfabetização no Brasil**: O Estado do conhecimento. Brasília: INEP/MEC, 1989.

WARDE, Mirian Jorge. Contribuições da história para a educação. **Em Aberto**, Brasília, INEP, Ano 9, n. 47, 1990.

Fontes:

ANAIS eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História Lugares dos historiadores : velhos e novos desafios. Florianópolis, SC, 27 a 31 de julho 2015 / organizado por Rodrigo Patto Sá Motta e Tania Regina de Luca . – Florianópolis : ANPUH, 2015. In <http://www.snh2015.anpuh.org/site/anaiscomplementares>

BANCO de Teses e Dissertações da CAPES/Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. In: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>

CADERNO de Resumos do IV Seminário Internacional Mundos do Trabalho – VIII Jornada Nacional de História do Trabalho, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, 22 a 25 de novembro de 2016. In <https://gtmundosdotrabalho.files.wordpress.com/2016/03/cadernoderesumos-novopdf.pdf>